



Trabalho 669

PREPARO E PERCEPÇÕES DA ENFERMAGEM FRENTE À MORTE E O MORRER DO PACIENTE ONCOLÓGICO

Jackeline Gonçalves Brito¹
Elizete Aparecida Rubira²
Samira Reschetti Marcon³
José Roberto Temponi de Oliveira⁴

INTRODUÇÃO: No início da idade média, morrer era considerado um evento natural da vida, sendo comum o moribundo morrer em casa, rodeado de familiares e amigos, cumprindo-se uma espécie de ritual⁽¹⁾. Com o passar do tempo, o ambiente familiar cedeu lugar ao hospital, que se tornou o cenário para a morte, onde esta passou a ser assistida por diferentes profissionais, rodeada por equipamentos e procedimentos que a todo custo tentam evitá-la, transformando assim, a morte e o morrer em um evento impessoal, frio e profundamente indesejado⁽²⁾. Atualmente em nossa sociedade ocidental, falar sobre a morte é considerado um tabu⁽²⁾, mesmo entre profissionais da enfermagem que diariamente vivenciam esta situação, pois em geral, a formação acadêmica é fundamentada na cura, abordando o tema de maneira superficial⁽³⁾ o que pode contribuir para as dificuldades dos profissionais em lidarem com estas situações com repercussões na assistência ao paciente que está vivenciando a possibilidade de morte, na sua família e também no próprio profissional de enfermagem⁽⁴⁾. A relevância do tema para a prática da enfermagem nos motivou a desenvolver este estudo com o objetivo de conhecer o preparo de profissionais de enfermagem e suas percepções a respeito da morte e o morrer. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo transversal descritivo, realizado com profissionais de enfermagem do Hospital do Câncer de Mato Grosso (MT). Foram incluídos no estudo todos os profissionais de enfermagem que atuavam nas seguintes unidades: clínica médica, cirúrgica, pediátrica, ambulatório, UTI, centro cirúrgico e outros setores totalizando 57 pessoas. Foram excluídos os que se encontravam de férias ou licença médica ou que se recusaram a participar do estudo alegando falta de tempo durante o plantão e/ou dificuldade com a temática. O instrumento foi elaborado com base em estudos que discutem o assunto, sendo composto por questões fechadas com as seguintes variáveis: sociodemográficas, relativas à formação profissional e relativas à percepção sobre o tema. A coleta de dados foi realizada no hospital, no período de 07/07/12 a 12/07/12, nos plantões matutinos e noturnos, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelo participante. Os dados foram digitados no programa Excel e posteriormente transportados para o programa estatístico Statistical Package for Social Sciences (SPSS) versão 17. Foram utilizadas estatísticas descritivas por meio de tabelas, gráficos e medidas de posição e variação. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Julio Muller, sob o nº 016347/2012. **RESULTADOS:** As características sociodemográficas dos profissionais de enfermagem mostraram o predomínio do sexo feminino (86%), com idade média de 33,7 anos e seguidores da religião católica (56,1%). Quanto a categoria profissional, 24,6% eram enfermeiros e 75,4% técnicos de enfermagem. Do total, 39% referiram ter menos de 2 anos de tempo de trabalho com pacientes em cuidados paliativos. O estudo revelou que 64,9% dos profissionais não se sentiam preparados para lidar com a morte e o morrer e 59,6% responderam que o tema não foi suficientemente abordado na formação. A grande maioria (70,2%) considerava importante o preparo e se mostravam abertos para capacitações. Quanto às percepções, 42,1% dos

¹ Enfermeira, Mestranda da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT. Jackeline_brito@hotmail.com.

² Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da UFMT. earubira@gmail.com.

³ Enfermeira. Doutora em ciências da Saúde. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da UFMT. samira.marcon@gmail.com.

⁴ Estatístico. Doutor em Estatística. Professor do Departamento de Estatística/ICET/UFMT. Integrante do grupo de pesquisa em saúde mental NESM, da Faculdade de Enfermagem da UFMT. temponi30@gmail.com.



Trabalho 669

profissionais percebiam a morte como uma etapa do ciclo natural da vida e mais da metade referiu já ter pensado na própria morte (64,9%), assim como conversaram a respeito, várias vezes (40,4%) e poucas vezes (42,1%). Entre os profissionais, 63,2% já pensaram no próprio funeral, 59,6% conversou com alguém manifestando sua vontade em relação à doação de órgãos, 64,9% tinha preocupações com a morte e mais da metade, 52,5%, nunca teve preocupação por não saber o que lhe acontecerá após a sua morte. **DISCUSSÃO:** O despreparo evidenciado entre os profissionais no cuidado a pacientes em situações de morte e o morrer pode ser reforçado pelo fato da grande proporção ter referido que o tema foi superficialmente abordado nos cursos de graduação. Na estrutura curricular dos cursos, mesmo na área de saúde onde estas situações fazem parte da rotina diária, não há um espaço formalmente instituído para a discussão, além disso, a maioria dos docentes não se sentem suficientemente preparados para abordá-lo de forma mais abrangente⁽³⁾. Mesmo sendo um assunto pouco abordado formalmente no conteúdo programático do curso de enfermagem, muitos o consideraram importante e se mostravam abertos para a discussão da temática. Este fato reforça a importância de atividades direcionadas pelo setor de educação continuada da instituição. Apesar de quase metade dos profissionais perceberem a morte como natural tendo inclusive pensado e falado a respeito, vale ressaltar que independente da etapa da vida, falar e pensar sobre o tema morte e morrer mobiliza sentimentos e desencadeia reflexões, pois a morte normalmente é associada a perda e ao sofrimento⁽⁵⁾. Quanto às atitudes destes profissionais diante desses pensamentos, muitos já conversaram em casa sobre o assunto pelo menos uma vez, inclusive manifestando a vontade quanto a doação de órgãos. Diante desses resultados podemos inferir que estes profissionais não mostraram resistência em pensar ou falar sobre o assunto com seus familiares. **CONCLUSÃO:** Apesar da evidência quanto ao despreparo entre os profissionais para lidar com situações de morte e morrer, não foi verificada dificuldade em pensar e falar sobre o tema. Considerando que muitos se mostraram abertos a capacitação, ressaltamos a importância do desenvolvimento da educação permanente, com o objetivo de ampliar a discussão e reflexão entre os profissionais desmistificando e promovendo maior segurança para a assistência. Vale ressaltar, a importância de que a temática seja incorporada na grade curricular dos cursos de graduação em enfermagem, visando preparar os futuros profissionais para esta situação inevitável no cotidiano profissional.

Descritores: Morte; Educação em Enfermagem; Atitude Frente a Morte.

EIXO II - Interfaces da Enfermagem com práticas profissionais e populares de cuidado em Saúde.

Referências:

- 1- Ariés P. História da Morte no ocidente: da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro; Ediouro, 2003.
- 2- Bellato R, Carvalho, EC. O jogo existencial e a ritualização da morte. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2005 (jan-fev); 13(1): 99-104.
- 3- Bellato R, Araújo AP, Ferreira HF, Rodrigues PF. A abordagem do processo do morrer e da morte feita por docentes em um curso de graduação em enfermagem. Acta Paul Enferm. 2007; 20(3): 255-63.
- 4- Silva LC. O sofrimento psicológico dos profissionais de saúde na atenção ao paciente com câncer. Psicol. Am. Lat. 2009;16(1).
- 5- Barbosa CG, Melchiori LE, Neme CMB. O significado da morte para adolescentes, adultos e idosos. Paidéia. 2011; 21(49):175-85.